

>> entrevista ANAMÉLIA BOCCA / PROFESSORA E IMUNOLOGISTA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

No programa *CB.Saúde* de ontem, especialista explicou por que é necessário acelerar o processo de aplicação da segunda dose contra a covid-19 e garantir que a população tome o reforço. Medida pode evitar que Sars-CoV-2, causador da doença, passe por novas mutações

“Vacinação melhora resposta ao vírus”

» ANA ISABEL MANSUR

Em entrevista ao *CB.Saúde* — parceria do *Correio* com a *TV Brasília* —, a professora e imunologista da Universidade de Brasília (UnB) Anamélia Bocca alertou para os riscos da situação de abandono vacinal na campanha contra a covid-19. A especialista explicou, ontem, que tomar a

primeira dose de um imunizante contra a doença, mas não retornar para a segunda aplicação pode fazer com que o novo coronavírus aprenda como funciona a resposta imune do organismo e desenvolva novos mecanismos de ataque.

Além disso, a professora destacou que, apesar do

aumento dos casos entre pessoas com menos de 50 anos, é possível perceber queda das infecções em idosos com mais de 60. Anamélia abordou as supostas ocorrências, ainda em investigação, de trombose após aplicação da vacina Covishield — produzida pela empresa sueca AstraZeneca em parceria com a

Universidade de Oxford. Para a especialista, a suspensão do uso desse imunizante em alguns países não significa que ele não seja eficaz e demonstra a rigidez dos processos avaliativos e de aprovação das agências regulatórias. Confira os principais trechos da entrevista concedida à jornalista Carmen Souza:

A chegada das vacinas contra a covid-19 colocou o mundo em um novo patamar no combate à pandemia, com ritmos diferentes em cada país. Como o Brasil está nesse cenário?

Se considerarmos todos os países que começaram o processo de imunização, o Brasil não está nada bem. Vários deles fizeram trabalhos anteriores, como a reserva de doses e o investimento em pesquisa. Assim como fizemos com a vacina de Oxford/AstraZeneca, algumas nações investiram em mais de um imunizante. Obviamente, esses locais tiveram retorno maior em quantidade de vacinas, conseguindo atender um grande número da população, e começam a ver os efeitos dessa imunização. É o caso de Israel, que vacinou mais de 60% dos habitantes com as duas doses e tem percebido queda no número de pessoas infectadas. A mesma situação pode ser observada nos Estados Unidos, que, apesar de ter índices menores de pessoas vacinadas porque a população é muito grande, também estão percebendo diminuição nos casos. Esses exemplos provam que as vacinas funcionam, mas que a distribuição e o processo de aplicação demandam logística. Quem se programou melhor está mais avançado no cenário de vacinação. A Europa, por exemplo, que não tem uma logística tão boa, tem o número de doses necessárias, mas a aplicação está lenta por causa de problemas de organização.



CORONA VÍRUS

Qual sua análise sobre a vacinação no Distrito Federal?

Acho que nós, considerando o baixo número de doses disponíveis, estamos indo muito bem. Temos uma logística muito boa de aplicação. O entrave é a quantidade de unidades em estoque. Em relação à segunda dose, o que a secretária (de Saúde) fez, de segurar as aplicações, foi muito prudente, porque temos visto várias capitais sem vacinas

Ed Alves/CB/D.A Press



para o reforço. Aqui, a pasta diminuiu o ritmo com a primeira dose, para garantir a segunda à população.

A partir de amanhã, deve começar a vacinação dos idosos com 64 e 65 anos. Até o próximo mês, conseguiremos fechar a imunização de todos os idosos com mais de 60 anos?

Não é muito minha área de estudo, mas, por algumas análises que li, até o fim deste mês e início de maio, devemos fechar o primeiro grupo prioritário e dar início ao de comorbidades.

Pensando no grupo de idosos vacinados, podemos inferir que houve impacto no sistema de saúde com relação a internações e mortes?

Temos visto no DF duas situações distintas: diminuição do número de pessoas acima de 60 anos internadas com evolução para óbito, mas em comparação com os outros grupos. Com as novas variantes, pessoas abaixo de 50 anos têm se infectado mais e apresentado formas mais graves da doença, ocupando em maior quantidade os hospitais. O fato de haver mais casos neste grupo pode estar mascarando o número de idosos que têm se recuperado, mas conseguimos ver, em uma primeira análise, diminuição das pessoas acima de 60 anos contaminadas com a covid-19.

O Ministério da Saúde calcula que 1,5 milhão de pessoas não voltaram para

receber a segunda dose da vacina. De que forma isso pode estar relacionado com o surgimento de mutações do vírus?

A vacina não nos blindava da infecção. Muitas pessoas pensam “Agora que estou vacinado, não preciso mais usar máscara nem continuar com os outros cuidados”. Isso não é verdade. A vacinação melhora a resposta ao vírus. Uma pessoa não imunizada terá resposta lenta do sistema imune, o vírus ganha espaço e se prolifera. A primeira dose da vacina já oferece melhora imunológica, com geração de células de memória. Com a segunda dose, a resposta será ótima. Ao entrar em contato, a partir da reação (do reforço da vacina), o vírus não terá tempo de se proliferar e causar a doença,

porque o sistema imune age para eliminá-lo rapidamente. Com a resposta intermediária gerada apenas com a primeira dose, o vírus consegue sobreviver e aprende, com a resposta imune, a gerar novas variantes. Se as pessoas não tomarem as duas doses e, portanto, não tiverem resposta adequada no organismo, há possibilidade de favorecer as mutações do vírus, gerando novas variantes — mais graves e com proliferação acentuada em nosso organismo.

Com essas variações, mesmo uma pessoa vacinada com as duas doses agora pode não ficar protegida no futuro?

Qualquer pessoa vacinada pode se infectar. Vai depender, porém, das células de memória ativas desempenharem boa resposta no sistema imunológico. Quando o vírus sofre mutação, não há alteração completa da estrutura dele. Não passa a existir um novo micro-organismo. A resposta das duas doses vai reconhecê-lo parcialmente, como acontece com a (vacina contra a) gripe, em que somos imunizados contra as variantes do último ano. Contra as mutações que eventualmente aparecerem, teremos uma resposta parcial, que permitirá a eliminação do vírus do organismo. Se deixarmos que as variantes circulem com rapidez e aumentem a velocidade de surgimento, é possível que a vacina fique com cada vez menos eficiência. Creio que teremos de adaptar os imunizantes contra a covid-19 a cada ano, como acontece com as vacinas contra a gripe.

Quem tomou a primeira dose e perdeu o prazo da segunda deve fazer o quê?

Deve voltar para a segunda aplicação, não há problema. Inclusive, no caso da CoronaVac, existem estudos preliminares mostrando que, até 28 dias depois da primeira dose, os resultados podem ser melhores do que dentro do prazo de três semanas.

IRREGULARIDADES

Polícia investigará denúncias em hospitais

» SAMARA SCHWINGEL

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) investiga um caso registrado no Hospital de Campanha de Santa Maria, no início deste mês. Funcionários da unidade de saúde registraram imagens do corpo de uma vítima da covid-19 sobre uma maca, enrolado em um saco plástico para lixo. O procedimento é considerado inadequado, segundo os protocolos definidos pelo Ministério da Saúde para pacientes que morreram devido à doença.

Representantes do Governo do Distrito Federal (GDF) informaram, ontem, durante entrevista coletiva, que pediram à PCDF para abrir inquérito policial e in-

vestigar o caso. Os secretários da Casa Civil, Gustavo Rocha, e de Saúde, Osnei Okumoto, afirmaram que a situação chamou a atenção pela “falta de empatia” e pela “crueldade” com o corpo. “Isso está completamente fora do protocolo dos hospitais, e o Osnei procurou verificar por que o corpo estava fora do invólucro adequado”, disse Gustavo Rocha, no Palácio do Buriti. “A PCDF está ouvindo esses envolvidos, e aguardamos a conclusão do inquérito”, completou.

O padrão definido pelo Ministério da Saúde prevê que a maneira correta de embalar o corpo de uma vítima da covid-19 é com invólucro específico, borrifado com hipoclorito de sódio. Uma conduta inadequada pode contaminar

Arquivo Pessoal



GDF quer apuração sobre caso de vítima da covid-19 que teve corpo enrolado em plástico

quem fará o procedimento.

As imagens do caso começaram a circular em 6 de abril. O paciente estava na unidade de terapia intensiva (UTI). Nos registros, é possível ver o plástico preso por uma fita adesiva. O corpo estava em uma maca, ao lado de pacientes internados com covid-19. “No saco plástico, gente. Olha só”, diz a mulher

que gravou as imagens. À época, o Instituto de Gestão Estratégica do Distrito Federal (Iges-DF), responsável pelo Hospital Regional de Santa Maria (HRSM), informou se tratar da UTI do 1º andar do hospital de campanha da cidade. A unidade é administrada pela empresa Associação Saúde e Movimento (ASM), contratada pelo Executivo local.

Por meio da pasta, a ASM emitiu nota, na qual disse que o caso tratava de um “evento pontual”, com “falha de comunicação da equipe operacional”. A reportagem pediu novo posicionamento da associação, bem como da PCDF, mas não teve retorno até o fechamento desta edição.

Além disso, o secretário de Saúde afirmou que pediu registro de boletim de ocorrência para investigar um apagão no Hospital da Região Leste, no Paranoá, na terça-feira. Para ele, o caso demonstra que há pessoas agindo com “má-fé”. “Há dois dias (antes de ontem), houve um apagão na sala vermelha. Felizmente, foi da luz, mas os equipamentos continuaram a funcionar”, comentou. O ocorrido durou três minutos, segundo o secretário. “Nesse período, tiraram fotos, filmaram e encaminharam as imagens para a imprensa”, afirmou.

O pedido de investigação se deveu à divulgação do problema. A medida se repetirá, segundo ele, sempre que houver episódios semelhantes.